

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The text 'Livro de Poemas' is centered within this white area.

Livro de Poemas

POEMAS

Quinhentismo:

José de Anchieta-Jesus na manjedoura

**Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu
pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois
suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por
fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino
de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos
fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.**

Barroco

Gregório de Matos

Senhora dona Bahia

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna, e é que, quem o dinheiro nos arranca, nos arranca as mãos, a língua, os olhos." "Esta mãe universal, esta célebre Bahia, que a seus peitos toma, e cria, os que enjeita Portugal" "Cansado de vos pregar cultíssimas profecias, quero das culteranias hoje o hábito enforcar: de que serve arrebentar por quem de mim não tem mágoa? verdades direi como água porque todos entendais, os ladinos e os boçais, a Musa praguejadora. Entendeis-me agora?"

Arcadismo

Manoel Maria Du Bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e
os verdes, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se
é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis
amadores, Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio; Se é doce
mares, céus ver anilados Pela quadra gentil, de
Amor querida, Que esperta os corações, floreia os
prados, Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados. Morte,
morte de amor, melhor que a vida.

Romantismo

Arte de amar

Manoel Antônio de Almeida

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo.

Realismo

Machado de Assis

Livros e flores

Teus olhos são meus livros. Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia A página do amor? Flores me
são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em que
melhor se beba O bálsamo do amor?

Naturalismo

Carmen Gonçalves

Chuva Atrasada

Nunca nesta terra que nasci Pareceu-me de chuva
precisar Pois ela que tudo vinha alagar, Não deu
mostras de mímica Até esse ciclo começar. Pois eis
que depois de muitos dias Sem que de sua graça desse
mostra (ainda que às vezes fizesse proposta) A chuva
decidiu nos presentear Ventos sacudiram redes com
criança, Levantaram telhas, fizeram lambança, Dizem
que veio para castigar... Eu digo que veio me refrescar!
O estrondo no telhado lembrou O rufar à guerra, do
tambor Chamando índio para ir pescar! Indício de
mudança a chegar! Chuva, amiga minha Não vá
devagarinha Longe “assombrar” Fica, te demora Não
quero ver a hora Que vás outro molhar.

Pernasianismo

Vaso Chinês

Alberto de Oliveira

**Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente,
uma vez, de um perfumado Contador sobre o
mármore luzidio, Entre um leque e o começo de um
bordado. Fino artista chinês, enamorado, Nele
pusera o coração doentio Em rubras flores de um
sutil lavrado, Na tinta ardente, de um calor
sombrio. Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim Também lá
estava a singular figura. Que arte em pintá-la! A
gente acaso vendo-a, Sentia um não sei quê com
aquele chim De olhos cortados à feição de
amêndoa**

Simbolismo

Alphonsus Guimarães

Ismália

**Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre
a sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no
mar. No sonho em que se perdeu, Banhou-se
toda em luar... Queria subir ao céu, Queria
descer ao mar... E, no desvario seu, Na torre
pôs-se a cantar... Estava longe do céu...
Estava longe do mar... E como um anjo pendeu
As asas para voar. . . Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar... As asas que Deus lhe
deu Ruflaram de par em par... Sua alma, subiu
ao céu, Seu corpo desceu ao mar...**

Pré-modernismo

Algusto dos Anjos

Soneto

Canta teu riso esplêndido sonata, E há, no teu riso de anjos encantados, Como que um doce tilintar de prata E a vibração de mil cristais quebrados. Bendito o riso assim que se desata - Citara suave dos apaixonados, Sonorizando os sonhos já passados, Cantando sempre em trínula volata! Aurora ideal dos dias meus risonhos, Quando, úmido de beijos em ressábios Teu riso esponenta, despertando sonhos... Ah! Num delíquio de ventura louca, Vai-se minh'alma toda nos teus beijos, Ri-se o meu coração na tua boca!

Pós-modernismo

João Cabral de Melo Neto

Fábula de um Arquiteto

A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tecto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contra; por onde, livres: ar luz razão certa. Até que, tantos livres o amedrontando, renegou dar a viver no claro e aberto. Onde vão de abrir, ele foi amurando opacos de fechar; onde vidro, concreto; até fechar o homem: na capela útero, com confortos de matriz, outra vez feto.